Orientação Profissional: liberdade e determinantes da escolha profissional^{1 2}

*Irene F. Ehrlich, Fernando de Castro e
Dulce Helena Penna Soares*
Mestrado em Psicologia - UFSC

Resumo

O objetivo deste trabalho é trazer de forma introdutória, as contribuições de três autores J. C. Ferretti; R. Bohslavsky e J. P. Sartre sobre a *definição* do que vem a ser a “escolha humana” e sua relação com o aspecto profissional. Buscaremos neste sentido esclarecer em cada um dos autores suas críticas, definições de base e os elementos implicados no problema. Ao mesmo tempo tentaremos relacioná-los entre si de forma a fazer aparecer suas compa-

Abstract

The purpose of this paper is to present the contribution by three authors: J. C. Ferretti, R. Bohslavsky and J. P. Sartre with regard to the *definition* of “human choice” and its relation to the professional aspect. In this sense we are going to clear up - with regard to each of these authors - his critiques, basic definitions and the elements involved in the problem. At the same time, we are going to relate them one with another, in order to point at their compatibilities and/

¹ *Vocational guidance: freedom and determinants of professional choice.*

² Este artigo é resultado de um trabalho de conclusão da disciplina de “Escolha Profissional”, ministrada pela professora Dra. Dulce Helena Penna Soares, como parte integrante do programa de pós-graduação em Psicologia da UFSC.

tibilidades e/ou incompatibilidades, como também a pertinência de suas reflexões para o avanço da psicologia no campo da Orientação Profissional.

Esclarecer “o que é uma escolha humana”, até que ponto ela é possível, até que ponto é uma falácia, quais os elementos que a compõe, ou seja, quais as determinantes em jogo quando tratamos de aproximar o olhar a este respeito, são todas questões teóricas e práticas de importância capital quando se trabalha ou se pesquisa na área de Orientação Profissional.

Palavras-chave: orientação profissional; escolha profissional; liberdade de escolha, determinantes da escolha.

or incompatibilities as well as the pertinence of their reflections for the advancement of psychology in the field of vocational guidance.

To clear “what is an human choice”, as far as this is possible, as far as this represents a fallacy, which elements make it up or, in other words, which determinants play a role when we take this approach: all these are theoretical and practical issues of vital importance when we work or research in the field of vocational guidance.

Keywords: vocational guidance; professional choice; freedom of choice; determinants of choice.

Introdução

O ensino médio começa a chegar ao fim e cada vez mais se aproxima a definição por um curso superior e uma profissão; o curso escolhido que supostamente seria realizador passa a ser colocado em questão e perguntas sobre o que sou, o que quero, o que não quero, etc, passam a atormentar a vida de jovens e inclusive de adultos. Podemos ainda assinalar a crise do emprego, onde carreiras profissionais são praticamente extintas levando trabalhadores de longa experiência a se perguntarem sobre o que podem fazer, quais suas possibilidades dentro desta nova ordem do mundo do trabalho. A angústia, as incertezas e todo tipo de conflitos surgidos sobre o que fazer, que opção tomar, qual a definição ou caminho a seguir, tem levado psicólogos e educadores, na teoria e na prática a se debruçarem sobre o problema da escolha e da orientação profissional.

Seja qual for o aspecto abordado, podemos dizer que é sempre da relação homem-trabalho que se está tratando, *seja na escolha dos estudos a seguir, dos conflitos que surgem do papel profissional ou ainda, no que diz respeito à re-orientação ou planejamento de carreira* (SOARES, 2000:24). Trata-se, portanto, de um fenômeno humano específico, qual seja, a definição ou redefinição profissional de sujeitos, com todos os conflitos inerentes a esta situação. Trata-se assim do sujeito em situação de escolha, de definição em relação à carreira ou possibilidades de trabalho. Neste sentido o conceito de “escolha” evidencia-se como essencial no tratamento dado aos fenômenos que a Orientação Profissional se dedica. Esclarecer o que é uma “escolha humana”, até que ponto ela é possível, até que ponto é uma falácia, quais os elementos que a compõe, ou seja, quais as variáveis em jogo quando tratamos de aproximar o olhar a este respeito, são todas questões teóricas pertinentes quando se trabalha ou se pensa na orientação profissional.

O objetivo deste artigo é trazer de forma introdutória, as contribuições de três autores – J. C. Ferretti, R. Bohoslavsky e J. P. Sartre – sobre a definição do que vem a ser a “escolha” e sua relação com o aspecto profissional. Buscaremos neste sentido esclarecer em cada um deles suas críticas, definições de base e os elementos implicados no problema. Ao mesmo tempo tentaremos relacioná-los entre si de forma a fazer aparecer suas compatibilidades e/ou incompatibilidades, como também a pertinência de suas reflexões para o avanço da psicologia no campo da Orientação Profissional.

Importante deixar claro, que nos curtos limites deste artigo, objetivamos acima de tudo, ao expor e relacionar os três autores, levantar questões ou problemas que possam contribuir tanto para o avanço da prática quanto da pesquisa na área de orientação profissional.

Ferretti: reflexões críticas acerca da Orientação Profissional

FERRETTI fazendo um estudo das teorias de orientação profissional, afirma que *o liberalismo é a ideologia que subjaz às teorias psicológicas de escolha e orientação profissional* (1988:32). Temos então que nos perguntar de início o que significa o ‘liberalismo’ e o que faz dele uma ‘ideologia’? Vemos com FERRETTI (1988:32) que o liberalismo deve ser entendido como: *um sistema de crenças e convicções,*

isto é, uma ideologia. Sendo que o individualismo, a liberdade e a igualdade são os três axiomas básicos do liberalismo.

A crença de que o indivíduo basta a si próprio para desenvolver-se, para tornar-se este ou aquele sujeito, para assumir esta ou aquela posição social, para ter ou não uma profissão que o realize, é o princípio do individualismo. Neste, o indivíduo é um ser que depende apenas de si mesmo e de seu esforço para ser o que é ou tornar-se aquele que deseja. O individualismo se valendo da crença no caráter inato das aptidões, defende que estas potencialidades sejam desenvolvidas na competição com os demais. Desse esforço competitivo resultam os méritos pessoais de cada um e sua merecida ascensão social.

O individualismo acredita terem os indivíduos atributos diferentes e que a cada pessoa dever-se-ia possibilitar desenvolvê-los, em competição com os demais, ao máximo de sua capacidade (FERRETTI, 1988:32).

Neste sentido, o indivíduo é compreendido como causa e consequência de si mesmo, não participando de sua constituição seu relacionamento com os demais ou com as condições materiais em que este se encontra, mas tão somente o desenvolvimento de suas aptidões inatas. Deste modo:

se o indivíduo permanece estacionário, se degrada seu potencial ou se o desenvolve, a responsabilidade por tal situação não cabe a outrem senão ao próprio indivíduo (FERRETTI, 1988:32).

Desconsidera-se com isso as possibilidades concretas que o indivíduo tem a disposição para se fazer de uma maneira ou de outra, dependendo de sua vontade e esforço individual, ou seja, unicamente de si mesmo, ter uma condição de vida confortável ou mesmo realizar-se em alguma profissão. Deste modo explica-se sem nenhum constrangimento como alguns ascendem na escala social, já que se esforçam e tem aptidões para isso, enquanto outros sobrevivem na miséria, pois certamente não se esforçaram tanto quanto podiam ou infelizmente não tinham aptidões para ocuparem outra situação social ou profissional.

Por esse raciocínio, o individualismo não só admite como justifica as desigualdades sociais, uma vez que se todos os indivíduos não possuem as mesmas aptidões, e se todos não as desenvolvem igualmente ou no mesmo ritmo, nada mais natural que alguns ocupem posições mais baixas que outros na estrutura social (FERRETTI, 1988:32).

Mas isto equivale a dizer que, quem vive na escassez econômica, quem sobrevive com suas famílias na necessidade, é inteira e unicamente responsável por sua situação? Que as crianças trabalhadoras são responsáveis por não freqüentarem a escola? Que as pessoas que vivem na mais completa miséria, apelando para prostituição, mendicância são as únicas a serem responsabilizadas por essa condição? Segundo o dogma individualista, certamente não cabe a outrem essa responsabilidade se não ao próprio indivíduo. O futuro que se lhes apresenta não é outra coisa do que o resultado do seu próprio esforço pessoal e individual.

Mas como é possível atrelar ao próprio indivíduo a responsabilidade de sua situação econômica, social, material, intelectual, orgânica?

Neste ponto o liberalismo utiliza-se de seu segundo axioma básico, qual seja: o indivíduo é “livre” para ser este ou aquele, viver na miséria ou no conforto, para ter uma profissão que o satisfaça ou para submeter-se à exploração. “O princípio da liberdade presume que um indivíduo seja tão livre quanto outro para atingir uma posição social vantajosa, em virtude de seus talentos e aptidões” (FERRETTI, 1988:33).

Parte-se do pressuposto de que todos os indivíduos são iguais, e possuem a mesma liberdade para realizar-se no futuro. A igualdade vem neste sentido como o terceiro axioma que justifica o liberalismo: todos os indivíduos são livres e iguais entre si para desenvolver suas aptidões a partir de seu esforço. É fundamental destacar que não se trata aqui de igualdade material, pois esta é decorrente do próprio esforço e conquistas de cada um:

(...) quaisquer pessoas têm iguais oportunidades perante a lei, de conseguir seu progresso pessoal e posição social vantajosa (...) Caracteriza-se assim, o princípio da igualdade, que não deve ser confundido com igualdade de condições materiais, dado que as diferenças individuais geram, necessariamente, desigualdades sociais e econômicas, cabendo aos talentosos e/ou trabalhadores melhor posição social e mais riqueza (FERRETTI, 1988: 34).

Mas tendo exposto estes três princípios centrais do liberalismo, temos que indagar: o que conduz Ferretti a afirmar que esta doutrina é o substrato comum às teorias psicológicas de orientação e escolha profissional?

O autor apresenta como, historicamente, a orientação profissional tem se comportado de formas diversas. De início, mais ligada a Psicometria buscava basicamente através dos testes o caráter inato das aptidões. Quando estes começaram a ser contestados pela Psicologia, a

Orientação Profissional buscou complementar os testes com outros instrumentos. Mas em qualquer dos casos, a Orientação Profissional visa, levantar aptidões individuais consideradas como estanques e permanentes, enquadrando os sujeitos às profissões que lhes resultam mais adequadas. FERRETTI marca que, mesmo ao creditar à história de vida alguma contribuição para o desenvolvimento das aptidões e características da personalidade, a Orientação Profissional, não se desvinculou dos princípios liberais:

A ilusão decorre do fato de se admitir como natural que alguns possuam maior potencial, uma dada aptidão mais desenvolvida, um interesse preponderante por determinada atividade ou apresente certas características de personalidade, pois, afinal, além das diferenças em termos de potencial biológico, cada um se desenvolveu em ambientes com certas particularidades. Em nenhum momento se dá um questionamento dessa natural diferenciação (FERRETTI, 1988:33).

Mas, cabe indagar, qual exatamente o problema desta concepção liberal estar na base das teorias psicológicas de escolha e orientação profissional? Trata-se de um problema exclusivamente de ordem político-ideológico, ou também de ordem técnico-científica?

Em primeiro lugar FERRETTI aponta um problema de base na concepção liberal: a definição de homem e de mundo. O homem é tomado pelo liberalismo, como a-histórico e individualizado, sendo que a materialidade, a relação com os outros e tudo que diz respeito a sua vida concreta não é considerado. Neste prisma, o mundo é um cenário neutro, não determinante, que não influi neste suposto livre desenvolvimento das aptidões individuais.

A respeito desta caracterização da educação liberal, deve-se ressaltar que ela se refere a-historicamente ao homem e a sociedade. Embora haja ligeiras menções às classes sociais, a estrutura social da sociedade referida, seus determinantes não são nem situados concretamente, nem analisados. O homem a que se reporta é, em primeiro lugar, um ente abstrato e, em segundo lugar, um ser sempre individualizado, nunca tomado como realizador e fruto das suas relações com a natureza e com os outros homens (...) é assim que as concepções liberais concebem o homem e o mundo (FERRETTI, 1988:36).

Deste modo, esta definição pretensamente técnico-científica, que mascara a realidade das condições objetivas do ser homem, desdobra necessariamente em conseqüências política ideológicas para os sujeitos concretos que não são levados em conta. O discurso liberal ao atribuir

ao sujeito a inteira responsabilidade sobre seu ser presente e possibilidades futuras, sem considerar suas condições concretas, obscurece a realidade e acaba por justificar as desigualdades sociais.

A educação liberal e, no seu âmbito, a orientação profissional, ao fazerem crer que o sucesso e o fracasso escolar e profissional resultam do desenvolvimento e da adequada realização das aptidões inatas (através de aplicação escolar e da escolha profissional “correta”), acabam cumprindo o papel de obscurecer a compreensão justa dos fatores fundamentais, na estrutura social, que impedem a realização de seu pressuposto (FERRETTI, 1988:37).

E ainda, como FERRETTI mesmo coloca, *a realidade desmente o discurso liberal* uma vez que em nossa sociedade as pessoas não têm as condições básicas de sobrevivência garantidas para poderem escolher a profissão que desejam. A necessidade de sobreviver é uma condição fundamental desconsiderada pela doutrina liberal, sendo esta condição econômica concreta uma determinante essencial na vida do indivíduo e de suas possibilidades:

(...) os fatores mais graves referem-se à própria condição de vida desses jovens e de suas famílias, que obrigam uma sujeição às oportunidades profissionais que se oferecem ... Dados recentes tem destacado o progressivo aumento dos contingentes populacionais que são instados, em virtude de condições econômicas adversas, a sujeitarem-se às oportunidades de trabalho oferecidas pelo subemprego para não caírem no desemprego (FERRETTI, 1988:40).

Sendo assim, qual a condição de escolha para quem as condições econômicas obrigam a trabalhar para sobreviver? Que liberdade, que igualdade, que escolhas são possíveis? É neste sentido que FERRETTI centraliza sua crítica ao fazer notar como os princípios liberais desconsideram as condições concretas de vida do indivíduo que determinam suas possibilidades futuras, falando, ao contrário, de um sujeito abstrato com supostas potencialidades inatas que escolheria sempre em igualdade de condições em relação a qualquer outro.

É denunciando portanto, esta definição equivocada e mistificadora da individualidade humana, e chamando a atenção para as desigualdades das condições materiais como determinantes dos empreendimentos humanos, que está plantada a posição de FERRETTI sobre a escolha, ou como o autor mesmo afirma, *pode-se dizer que a autonomia de esco-*

lha está comprometida, entendido o termo escolha como a implementação de sua preferência ocupacional (1988:42).

Passemos agora a ver as posições de BOHOSLAVSKY sobre a questão da ‘escolha’ humana, chamando a atenção para o fato de que o autor argentino não se encontra incluído nas pesquisas e críticas de FERRETTI sobre as teorias de Orientação Profissional. Portanto as análises precedentes não podem ser diretamente deduzidas para as teses de BOHOSLAVSKY.

BOHOSLAVSKY: adolescência e escolha profissional

Quando pensamos em escolha e definição profissional, em BOHOSLAVSKY, é preciso partir do seguinte fato: as pessoas não trabalham simplesmente para satisfazer necessidades biológicas, ou seja, há um sentido essencialmente humano dado ao trabalho que transcende os limites de nosso corpo orgânico. Como afirma o autor *supõe-se que as pessoas fazem alguma coisa ‘por’ alguma coisa e que fazem ‘para’ alguma coisa, entretanto, está ‘coisa’ não está bem definida* (BOHOSLAVSKY, 1998:41).

Mostrando o equívoco das posições teóricas que cristalizam os homens como ‘objetos’, com faculdades e aptidões imanentes, e que precisam ser orientados para ocuparem os lugares certos e mais adequados às suas habilidades (“o homem certo no lugar certo”), BOHOSLAVSKY define que o *‘futuro é algo que pertence ao homem, considerado como sujeito de escolhas* (1998). Neste sentido, todas as tendências em Orientação Profissional que colocam o homem como mero “reator”, portanto passivo, que necessita ser encaixado no espaço social/profissional onde ele mais se enquadra, ficam totalmente sem razão de ser. Deste modo, busca-se pensar os homens a partir do que eles tem de mais próprio, qual seja, a *capacidade de escolha de seu futuro*.

Tal princípio de BOHOSLAVSKY sobre o sujeito, faz com que o *‘futuro tenha uma importância atual-ativa enquanto projeto para o adolescente, fazendo parte de sua estrutura de personalidade neste momento* (BOHOSLAVSKY, 1998:26). Sendo de capital importância marcar que este “futuro” não é algo abstrato, uma mera elucubração, mas ao contrário, é sempre pensado concretamente, é um *‘futuro personificado*. Ou seja, pensar em ser médico, não é ser um médico qualquer, uma entidade abstrata, mas é ser médico como o irmão ou como o pai,

por exemplo, é estar trabalhando em tal lugar e não em outro, é querer estar convivendo com tais pessoas e não com tais outras, fazendo tais atividades e não outras. É, portanto, um futuro concreto.

Neste sentido, definir o futuro para BOHOSLAVSKY, não é somente *definir o que fazer, mas fundamentalmente, definir quem ser e, ao mesmo tempo, definir quem não ser* (BOHOSLAVSKY, 1998:28). Definir-se em determinada atividade profissional é “tornar-se” determinado ser realizando tal atividade, vinculando-se a determinados objetos e fazeres específicos. O “quê fazer”, implica então, em um ‘quem ser’.

BOHOSLAVSKY mostra como esta situação faz emergir, como não poderia deixar de ser, uma “crise” na medida em que o jovem está neste momento também fixando quem deixa de ser, o que implica deixar certos objetos, pessoas e formas de ser para trás.

Ao escolher, está fixando quem deixa de ser, está escolhendo deixar de ser adolescente, deixar de ser outro profissional, está optando por deixar outros objetos. Na medida em que escolhe, ‘deixa’, e este é o motivo para dizer que a escolha ocupacional, como qualquer outro comportamento, supõe conflitos, e modos de enfrentá-lo e resolvê-los (BOHOSLAVSKY, 1998:57).

É um momento então segundo BOHOSLAVSKY, de “*elaboração de perdas*” para o jovem: perdas de formas de relação infantis, perdas dos pais, na medida em que a escolha de uma profissão traz certa separação do meio familiar e certa exigência de autonomia; perda também do corpo infantil ou juvenil. Sendo ainda os conflitos, dúvidas, indefinições e angústias do adolescente em relação a quem ser, não uma simples ruptura com formas de relação estabelecida. BOHOSLAVSKY aponta que definir assim um momento de crise esconde o seu complemento necessário, isto é, as novas formas de reorganização e readaptação da personalidade que são criadas.

E para o autor, apesar de identificar a carência de uma definição comum da personalidade na ciência psicológica, há uma questão de fato sobre a qual todos concordam, qual seja: “o que define fundamentalmente a pessoa é o fato de poder ser um objeto para si mesmo, um objeto para si”. É devido a este fato que temos a experiência de “eu-ser-eu”, sendo tal experiência só possível de ocorrer num contexto relacional com o tempo (determinados projetos experimentados como sendo seus ou não), como o espaço (formas de representação do corpo) e com os outros (nas formas de relação com os demais). E justamente a “crise” pela qual passa o adolescente em momento de escolha implica que, esta

experiência de “*le-ser-ele*”, se encontre desorganizada, ou como diz BOHOSLAVSKY “possivelmente nenhum adolescente sente claramente que ele é ele” (1998:36).

No que concerne às determinantes de ordem sociológica no processo de escolha profissional, este autor remete-se à teoria da alienação de MARX como forma de suprir algumas lacunas presentes em suas reflexões anteriores (BOHOSLAVSKY, 1983:47). Contempla, portanto as críticas de FERRETTI, (embora não tenha conhecido seu trabalho) uma vez que afirma que as escolhas estão determinadas por um contexto econômico, social e cultural historicamente constituído. Mas o que BOHOSLAVSKY traz de novo a este respeito é sua reflexão sobre as relações entre “alienação e identidade profissional”.

Recuperando o conceito de alienação em MARX, BOHOSLAVSKY afirma que o sujeito na sociedade capitalista não reconhece como seu o produto do seu trabalho, e os objetos produzidos pelo trabalho humano se convertem, devido à exploração, em algo que lhe é estranho, gerando uma espécie de inversão onde o resultado do trabalho volta-se contra o trabalhador. O que se faz importante destacar nos limites deste artigo é o tipo de integração com a realidade e suas conseqüências para a identidade profissional, em função deste contexto social alienante. O contexto social, em função dos processos educativos vividos seja na família como na escola, fazem com que o jovem opte profissionalmente correspondendo a um esquema de valores dirigidos para os benefícios econômicos e para a busca de poder e de prestígio exigidos pela ordem social. Realiza-se então uma integração servil no espaço profissional, constituindo-se desta forma uma “falsa integração”, na medida em que o jovem é levado a “desejar fazer aquilo que deve ser feito”, ou seja, a sujeitar-se, correspondendo as necessidades de uma ordem pré-estabelecida das organizações de trabalho. Integrar-se portanto ao mundo das profissões e do trabalho por necessidades econômicas de sobrevivência, por exigências de manter o *status* social da família ou ainda exclusivamente por necessidades e valores de mercado, é realizar uma “falsa integração” (BOHOSLAVSKY, 1983:45). Constitui-se neste sentido uma pseudo-identidade profissional, ou seja, uma identidade caracterizada por uma integração servil ao mundo das profissões, por realizar-se em função das exigências, deveres e necessidades de uma ordem social alienante.

Antecipando-se inclusive aos trabalhos de DEJOURS (1989) na França, descreve as conseqüências subjetivas deste tipo de integração, onde se

trabalha não para satisfazer necessidades e desejos próprios de uma personalidade historicamente constituída, mas ao contrário, para satisfazer necessidades externas de exploração do trabalho que visa a obtenção de maiores lucros e competitividade. A “sintomatologia” dos homens alienados, resultante deste modo de integração é assim descrita por BOHOSLAVSKY (1983:50):

Em primeiro lugar, os sujeitos afirmam ter perdido o sentido que em algum momento deram ao seu trabalho ou estudo; experimentam a sensação de que estes seguem leis e projetos que lhes são estranhos; (...) os antigos projetos são nostalgicamente desejados; a anterior clareza quanto as metas e sua articulação com os meios que supostamente ofereciam o exercício de um ofício ou profissão se perde, sendo seguida de uma angustiante sensação de perda dos limites; a ambigüidade frente ao futuro é acompanhada de uma desarticulação vivida pelo sujeito entre suas diversas atividades.

Como FERRETTI, podemos encontrar em BOHOSLAVSKY, uma crítica ao conceito liberal de liberdade de escolha que desconsidera as determinantes contextuais e históricas de qualquer possibilidade profissional. Buscou, o autor argentino, desta forma pensar a escolha profissional dentro de circunstâncias concretas, levando-nos a refletir sobre os determinantes materiais e sociais, a partir das quais a definição profissional se opera. Mas ao mesmo tempo, é ‘inovador’ ao afirmar a existência de um futuro que pertence ao sujeito, e que se trata, portanto, de uma ‘personalidade’ escolhendo, destacando neste sentido, a necessidade das escolhas profissionais serem compreendidas considerando também o plano psicológico, ou seja, o desvelar do “sentido” das escolhas para uma personalidade constituída (*o para que e por que delas*).

Como consequência desta ‘inovação’, coloca-se a necessidade então de uma teoria da personalidade que venha a cobrir justamente a falta de um modelo teórico que esclareça o sentido das determinantes de ordem psicológica intervenientes no momento de definição profissional. Questão esta que o próprio BOHOSLAVSKY (1983) constata, ao esbarrar-se com a falta de uma definição comum na psicologia a respeito deste conceito. E na tentativa justamente de suprir esta falta de uma teoria da personalidade que esclareça a “problemática vocacional”, o autor vai valer-se o princípio Freudiano que define as escolhas ocupacionais como resultado de um processo de sublimação de instintos, recorrendo a Teoria da Reparação do modelo psicanalítico da escola Inglesa.

Mas, ao BOHOSLAVSKY proceder desta forma, cabe a interrogação: ao buscar na Teoria da Reparação (1998), que parte do princípio de que as definições profissionais são resultado de um processo de sublimação de instintos, ou ainda desdobramentos de uma falta ou dano interno que exige ser reparado, BOHOSLAVSKY não estaria caindo em princípios individualistas e abstratos, escorregando para dentro da doutrina liberal, criticada por FERRETTI e por ele próprio indiretamente? Como fazer para articular teoricamente as conseqüências subjetivas resultantes da relação com uma realidade alienante com estas determinantes subjetivas definidas como resultado de um processo de sublimação de instintos e chamamentos internos? Cabe apontar como esta questão foi posta pelo próprio autor que busca dar-lhe uma resposta afirmando a escolha como multi e sobre-determinada visando uma reformulação de sua anterior estratégia clínica (BOHOSLAVSKY; 1983).

É portanto precisamente uma teoria da personalidade que compreende o homem concreto, como constituindo-se no contexto de suas relações num movimento vivo para o futuro, que encontramos a contribuição da psicologia formulada por Sartre para o tema aqui tratado.

J. P. Sartre: personalidade e projeto de ser

Há algo que determine os homens a se definirem por esta ou aquela escolha? Podemos dizer que as escolhas humanas são produtos de 'instintos', 'tendências inatas' ou 'vocações' anteriores a existência? Ou ainda, os homens fazem suas escolhas ao 'bel prazer', independente de qualquer condição material, social, com recurso unicamente a sua vontade individual? Estas são todas questões apresentadas por SARTRE (1987a) ao colocar-se o problema da escolha humana.

SARTRE afirma que no homem "a existência precede a essência". Mas o que isso quer dizer? O homem primeiro existe, encontra-se em determinada materialidade (em uma casa, na rua, em um orfanato), com certas pessoas (uma família de dez irmãos, de pais operários, filho único de um casal de classe média, filho de mãe solteira desempregada) em uma determinada época (final de 1999, começo do século XVIII, etc.) sendo determinado corpo (sexo masculino, ou feminino, com problemas de audição, etc.). Mas isso tudo não determina o que o homem vai tornar-se, que personalidade vai constituir: se vai ser agressivo, tímido, medroso, engenheiro ou lixeiro, homossexual ou heterossexual, cristão ou

ateu. O que há de início são condições de possibilidade para o desenvolvimento de uma personalidade. Não há nada de inato ou pré-determinado no que diz respeito a uma personalidade, e é neste sentido que a *existência* precede a *essência* ou personalidade de cada um.

em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo (SARTRE, 1987a:6).

Mas se não há nada pré-determinado, mas somente condições de possibilidade, como ocorre o processo de estruturação de uma personalidade?

Estando no mundo, o homem está em relação constante com os outros homens, com as coisas, com o tempo, com seu corpo. Nessas relações concretas e históricas, a todo momento se depara com situações diante das quais precisa fazer escolhas, ou seja, definir-se dentro das possibilidades reais de uma situação concreta. Podemos afirmar então que neste sentido, o homem é liberdade:

O homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar (...) se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade (SARTRE, 1987a:9).

E o que significa o homem ser liberdade? Que está nas próprias mãos dos homens escolher em cada ação concreta e datada ser determinado homem e não outro, ou seja, definir seu ser e seu futuro possível. Nas próprias mãos do homem não como “indivíduo isolado” tal como prega o liberalismo, mas enquanto um tipo de ser sociologicamente constituído que se faz continuamente em função das possibilidades de ser concretamente vividas, ou seja, a partir das relações e mediações com os grupos e com as condições materiais existentes (SARTRE, 1987b). As escolhas não são iguais para todos uma vez que a estrutura de escolha vai ser sempre concreta e singular, sendo a partir dela que o homem terá diferentes possibilidades de futuro que implicam em diferentes possibilidades de ser para si próprio. É neste sentido que os homens são o que fazem de si mesmos ao longo do processo histórico de escolhas, ou seja, “o homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida” (SARTRE, 1987a: 13).

Assim, resta-nos compreender: de que modo ocorre esse processo de escolha?

Uma escolha humana vai sempre ocorrer em uma *estrutura de escolha* que implica sempre uma materialidade, os outros e a temporalidade. Trata-se de uma “situação” concreta que determina certas possibilidades materiais e não outras. O homem ao escolher, o faz sob certas condições dadas e não sob idealizações abstratas. Condições que implicam sempre o espaço que é dado pelos outros, onde estes abrem ou fecham certas as possibilidades de futuro. Um professor que apresenta determinadas possibilidades de ser ao seu aluno, que o reconhece e que lhe ensina um caminho possível, pode abrir uma possibilidade de ser para alguém que não se daria esse futuro possível sem tal mediação.

Diante de uma situação de escolha profissional, por exemplo, onde um jovem oscila entre escolher Engenharia ou Direito, o que podemos encontrar na situação que o levará a escolher uma ou outra coisa? Encontramos por um lado as ações concretas, desejos e exigências da família, dos amigos, enfim das relações dos outros com ele. Encontramos do mesmo modo seu movimento concreto em função de um projeto e desejo de ser que encontra-se inseparavelmente ligado a estes outros objetivamente situados em relação a ele. Encontramos portanto, aquilo que ele projeta ser como resultado de cada uma de suas ações sob determinadas condições sociológicas e materiais. Por fim, não há nada mais além de sua vida e de sua história concreta que o faz experienciar-se e objetivar-se determinado ser psicofísico (personalidade) (SARTRE, 1992) diante da possibilidade de ser advogado ou engenheiro. Ou seja, não encontramos na situação de escolha profissional, nada que não diga respeito as relações em que ele está inserido, não havendo aspecto algum nesta escolha que não diga respeito às suas relações concretas no mundo, incluindo aí sua própria história. É isso que SARTRE (1979) afirma ao definir que é a existência concreta dos homens sempre o ponto de partida.

Se os homens constroem-se nas relações, significa que não há nada anterior à sua existência, não há nada armazenado em sua “mente” que fará escolher ser de um modo ou de outro. O rapaz, mencionado acima, não trouxe nada inato, nenhum pré-determinismo, nenhuma vocação que fará com que ele escolha Direito e não Engenharia. O rapaz oscila entre essas duas profissões e não outras, e somente o exame de sua situação, ou seja, do seu projeto e desejo de ser pode nos dizer o que está ocorrendo.

Entretanto, quaisquer que sejam as variáveis envolvidas no processo de escolha profissional, sempre encontraremos condições psicológicas, sociológicas, materiais, unificadas e ultrapassadas em função de um projeto de um desejo de ser. Assim, a escolha do sujeito é sempre medida por essas condições, que constituem sua estrutura de escolha.

Por condição (...) é o conjunto dos limites a priori que esboçam a sua situação fundamental no universo. As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade pagã ou senhor feudal ou proletário. O que não muda é o fato de que, para ele, é sempre necessário estar no mundo, trabalhar, conviver com os outros e ser mortal. Tais limites não são nem subjetivos nem objetivos; ou, mais exatamente, têm uma face objetiva e uma face subjetiva. São objetivos na medida em que podem ser encontrados em qualquer lugar e são sempre reconhecíveis; são subjetivos porque são vividos e nada são se o homem não as viver, ou seja, se o homem não se determinar livremente na sua existência em relação a eles (SARTRE, 1987a:16).

Desta forma escolher uma profissão, por exemplo, não é escolher somente um fazer, mas sim um ser, e é exatamente por isso que o sujeito experimenta a angústia. Pois é seu futuro que está em jogo, o que implica dizer que é seu ser que está sendo definido tanto para si mesmo quanto para os outros que pertencem aos grupos implicados com sua escolha. É, portanto, uma questão que vai além de uma mera definição ocupacional, dizendo respeito à constituição de um ser futuro que implica na constituição e viabilização da personalidade em meio aos grupos nos quais está implicada.

E o que diremos dos homens que se encontram em contextos sociais e materiais totalmente desfavoráveis? O que dizer do homem que não dispõe de meios materiais, e que não se encontra diante de uma situação de poder fazer Engenharia ou Direito, mas que pelo contrário, trabalha desde a infância, transita de emprego em emprego, conforme aquilo que encontra de possibilidades de sobrevivência? Esses homens, ainda assim, vivem possibilidades de escolhas? SARTRE (1987b:151) coloca:

... a alienação pode modificar os resultados da ação, mas não sua realidade profunda. Recusamos confundir o homem alienado com uma coisa, e a alienação com as leis físicas que regem os condicionamentos de exterioridade. Afirmamos a especificidade do ato humano, que atravessa o meio social, conservando-lhe as determinações, e que transforma o mundo sobre a base de condições dadas. Para nós, o homem caracteriza-se antes de tudo pela superação de uma situação, pelo que ele chega a fazer daquilo que se fez dele, mesmo que ele não se reconheça jamais em sua objetivação.

Embora o sujeito se encontre em um contexto totalmente desumano e alienante, morando na rua, por exemplo, mesmo assim, depara-se com possibilidades objetivas para seu ser. Suas possibilidades de ser encontram-se nas latas de lixo que vasculha para catar comida, nos turistas que passeiam a sua frente e podem ser assaltados, nos alambrados, construções abandonadas ou albergues públicos para uma noite de sono. Suas possibilidades de ser é “ser miserável”, e ainda depois, ser condenado pela sociedade por se definir como sendo ladrão, alcoólatra ou qualquer outra possibilidade concreta que tal luta pela sobrevivência implica. De qualquer forma seu ser não está determinado por nenhum tipo de lei ou tendências inatas. Sua estrutura de escolha é que está limitada pelas condições reais de sua vida: uma estrutura social, material e de relações que não dependem dele, mas que cabe a ele nessa situação concreta definir-se. A todo instante é preciso definir-se, é preciso agir, é preciso fazer alguma coisa dentro das condições dadas, ou como diz SARTRE (1987b), é preciso ultrapassá-las para uma finalidade, por mais imediata e despersionalizantes que sejam as possibilidades objetivas para a constituição do sujeito.

Desta forma é dependendo da história de relações e das possibilidade de ser realizadas objetivamente numa trajetória real e singular, que vai se constituindo uma determinada personalidade e não outra, com um futuro sempre aberto.

Neste sentido SARTRE contempla FERRETTI, uma vez que leva em conta a situação social e material de cada homem. Ao mesmo tempo contempla BOHOSLAVSKY uma vez que define o ser humano como um ser que escolhe, portanto que possui um futuro em aberto sempre à sua frente. E traz sua contribuição exatamente onde BOHOSLAVSKY marcou a necessidade de avançar teoricamente: numa teoria da personalidade e na sua relação com o futuro.

SARTRE marca que o futuro vai além de condições materiais, sociais, e administrativas no sentido de desempenhar tal função ou tal outra. É um campo de possibilidades de ser, um ser futuro para onde se está lançado constantemente que viabiliza ou inviabiliza a personalidade. A contribuição portanto de SARTRE definindo o homem como projeto de ser que se realiza sempre a partir, tanto das condições dadas e presentes, como também das relações passadas que delimitam quem é ou se tornou até então, mostra-se, ao nosso entender, como uma contribuição extremamente valiosa que permite dar uma resposta positiva aos

questionamentos de BOHOSLAVSKY quanto as pessoas fazerem alguma coisa ‘por’ e ‘para’ alguma coisa num plano estritamente concreto.

Considerações finais

Podemos, a partir destas breves reflexões sobre FERRETTI, BOHOSLAVSKY e SARTRE, em relação à problemática da escolha profissional, fazer alguns assinalamentos e relações, mas acima de tudo, deixar algumas interrogações a serem desenvolvidas pela Orientação Profissional.

Vemos, com FERRETTI, que a Orientação Profissional, caso não reveja seus fundamentos teóricos e metodológicos está fadada a reproduzir uma ideologia conservadora do *status quo*, que travestida de um discurso técnico, não faz mais do que naturalizar os homens e a realidade social e assim servir aos dogmas da doutrina liberal. Considerar as condições econômicas de exploração como historicamente constituídas, nas quais se encontram os sujeitos, mais do que um simples discurso é fazer jus a uma condição objetiva básica para estabelecer parâmetros teóricos a uma Psicologia da Orientação Profissional.

Mas não podemos deixar de marcar, que a negação justa feita por FERRETTI, da concepção liberal de homem e de mundo, da definição individualista e natural do que seja o psíquico e a sociedade nos coloca um novo problema: “o que é o sujeito humano” então, para que seja indispensável a inclusão dos planos sociológico e econômico na definição de suas possibilidades profissionais?

Podemos observar como BOHOSLAVSKY, principalmente em seus trabalhos posteriores, busca incorporar as variáveis de ordem sociológicas ao pensar os problemas “vocacionais”. Nos parece que, ao mesmo tempo em que concorda, vai além de FERRETTI no sentido de buscar avançar o plano teórico ao valer-se da teoria da alienação assinalando suas conseqüências subjetivas despersonalizantes. Ou seja, não só mostra que existe a necessidade de incluir-se o plano sociológico na elaboração das problemáticas de escolha e definição profissionais, como também mostra as implicações da alienação na constituição da singularidade.

Ao mesmo tempo é ainda justo afirmar que BOHOSLAVSKY faz saltar as determinantes da ordem psicológica da escolha profissional, ao marcar que, ao se falar de trabalho humano, este não pode ser reduzido à simples satisfação de necessidades biológicas. Inclui assim, a questão

de que existe um “sentido” que transcende os limites do corpo orgânico (“um para quê”) em função do qual, determinados homens em determinado contexto, escolhem tal profissão e não outra. Inclui, portanto, na ordem da cultura e da história as bases para se pensar a constituição dos fenômenos psicológicos. Entretanto, como coloca o próprio autor, é necessária uma teoria da personalidade que avance na direção de um esclarecimento das determinantes psicológicas de uma definição profissional. Sendo que, como já assinalamos alhures, a Teoria da Reparação utilizada para este fim mostra-se em desacordo com os componentes sociológicos e históricos postos pelo próprio BOHOSLAVSKY, indicando traços da doutrina liberal, tão bem criticados por FERRETTI.

É precisamente com uma compreensão da personalidade e do ser do homem que encontramos a contribuição da psicologia e da antropologia desenvolvida por SARTRE. Encontramos em sua obra o homem constituindo-se na sua história de relações com o mundo, sem qualquer pré-determinismo, sem qualquer chamamento interno que condene seu futuro.

Assim, se FERRETTI deixa a Orientação Profissional encurralada ao criticar as bases liberais das teorias psicológicas de escolha e orientação profissional, vemos em SARTRE um avanço necessário na medida em que, busca justamente dar uma resposta positiva em relação à definição do que seja a escolha humana articulando a definição de personalidade e projeto de ser.

SARTRE neste sentido considera, tanto o plano sociológico da escolha, na medida em que mostra como o homem sempre escolhe em face de uma estrutura de escolha, como também considera as possibilidades do sujeito e seus aspectos psicológicos, na medida em que estas condições reais e objetivas existem para um sujeito que as ultrapassa para uma finalidade, ou seja, se determina de alguma forma em relação a elas, e desta forma se singulariza.

Por fim, vemos como importante ao concluir este artigo que, o pensar sobre Orientação Profissional necessariamente remete ao problema da escolha humana, o que, por conseqüência, remete-nos ao problema da definição do que seja o ser do homem, a subjetividade e suas relações essenciais com as condições sociológicas e psicológicas existentes. Aprofundamentos neste sentido vemos que só farão progredir a teoria e a prática em Orientação Profissional.

Referências bibliográficas

- BOHOSLAVSKY, R. *Vocacional – Teoria e Ideologia*. São Paulo : Cortez, 1983.
- _____. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. 2ª. Edição. São Paulo : Martins Fontes, 1988.
- DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo : Cortez, 1988.
- FERRETTI, C. *Uma nova proposta de Orientação Profissional*. São Paulo : Cortez, 1988.
- LANG, R. e COOPER, D. Crítica da Razão. In: *Razão e Violência*. Petrópolis, 1982.
- SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. In: _____. *Coleção os Pensadores*. São Paulo : Nova Cultural, 1987a.
- _____. Questão de Método. In: _____. *Coleção os Pensadores*. São Paulo : Nova Cultural, 1987b.
- _____. *Crítica de la razón dialéctica*. Buenos Aires : Losada, 1979.
- _____. *La transcendance de l'ego*. Paris : Librairie Philosophique, 1992.
- SOARES, D. Helena Penna. As diferentes abordagens em Orientação Profissional. In: _____. e LISBOA, Marilu Dias (Org.). *A Orientação Profissional em ação: formação e prática de Orientadores Profissionais*. São Paulo : Summus Editorial, 2000;